

Vestígios de um quintal/ atelie: Encontros com as linhas do desenho

Traces of a backyard/studio: Encounters with
the lines of the drawing

Rastros de un patio/taller: Encuentros con
las líneas del dibujo

Taliane Graff Tomita (UDESC-Brasil)¹

Elaine Schmidlin (UDESC-Brasil)²

1 Mãe, professora e artista visual. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina – PPGAV-UDESC, na linha de pesquisa de Ensino das Artes Visuais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4644934819986032>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2833-0856>. E-mail: talianetomita@gmail.com.

2 Professora associada vinculada ao Departamento de Artes Visuais do Centro de Artes, Design e Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e coordena o Grupo de Pesquisa [compor] UDESC/CNPQ. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9781556928615419>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7478-1781>. E-mail: elaine.schmidlin@udesc.br.

RESUMO

Este artigo traz alguns vestígios deixados por derivas cartográficas oriundas de encontros ocorridos em um quintal, o qual é compreendido como espaço de ateliê, tanto da artista quanto da professora, uma das autoras do texto. Na escrita, reverberam as sensações experimentadas naquele local, em contato com a terra e a natureza, trazendo práticas artísticas contemporâneas com o desenho, que criam linhas de conexões com a docência e, também, com a arte e a vida. Ao explorar os acontecimentos que se insinuam no quintal/ateliê e na percepção de seus imprevistos, busca-se trazer os possíveis desdobramentos para um ensino com o desenho, e não apenas sobre o desenho. Nesse sentido, o ensino com o desenho é compreendido como diferença, com autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari, além de Ana Godoy e Tim Ingold, respectivamente, com os sentidos de deriva e de habitar. Por meio de deslocamentos como campo de experimentações, potencializa caminhos possíveis nos quais os processos de criação envolvidos no processo poético com o desenho tornam-se também um dispositivo de e para o seu ensino.

PALAVRAS-CHAVE

Desenho; Ensino; Experimentações; Deriva Cartográfica; Quintal/Ateliê.

ABSTRACT

This article presents some traces left by cartographic drifts arising from encounters that took place in a backyard, which is understood as a studio space for both the artist and the teacher, one of the authors of this text. The writing resonates with the sensations experienced in that place, in contact with the earth and nature, bringing contemporary artistic practices with drawing, which create lines of connection with teaching and also with art and life. By exploring the events that insinuate themselves in the backyard/studio and the perception of their unforeseen events, the aim is to uncover possible developments for teaching with drawing, and not just about drawing. In this sense, teaching with drawing is understood as difference, with authors such as Gilles Deleuze and Félix Guattari, as well as Ana Godoy and Tim Ingold, respectively, with the meanings of drift and inhabitation. Through displacements as a field of experimentation, it enhances possible paths in which the creative processes involved in the poetic process of drawing also become a device for and in its teaching.

KEY-WORDS

Drawing; Teaching; Experimentation; Cartographic Drift; Backyard/Studio.

RESUMEN

Este artículo presenta algunas huellas de las derivas cartográficas a partir de encuentros ocurridos en un patio, entendido como espacio de taller tanto para el artista como para el docente, una de las autoras de este texto. La escritura resuena con las sensaciones experimentadas en ese lugar, en contacto con la tierra y la naturaleza, acercando las prácticas artísticas contemporáneas al dibujo, creando vínculos con la enseñanza y, también, con el arte y la vida. Al explorar los eventos que se insinúan en el patio/taller y la percepción de sus imprevistos, se busca descubrir posibles desarrollos para la enseñanza con dibujo, y no solo sobre el dibujo. En este sentido, la enseñanza con dibujo se entiende como diferencia, con autores como Gilles Deleuze y Félix Guattari, así como Ana Godoy y Tim Ingold, respectivamente, que se refieren a los significados de la deriva y el habitar. A través de los desplazamientos como campo de experimentación, se potencian posibles caminos en los que los procesos creativos involucrados en el proceso poético del dibujo también se convierten en un dispositivo para y en su enseñanza.

PALABRAS-CLAVE

Dibujo; Enseñanza; Experimentación; Deriva Cartográfica; Patio/Taller.

Vestígios iniciais

Este artigo é o desdobramento de uma tese³ defendida recentemente, que tinha como pergunta provocadora: O que pode o desenho, em seus encontros com a Terra, contribuir com seu ensino? Entre linhas em devir, a escrita desenvolveu-se a partir do desejo de pesquisar com o desenho profundo, pelo método da cartografia, buscar entrelaçamentos entre experimentações realizadas pela autora, que, além de artista, também é professora de Artes Visuais na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (SC) e em espaços não formais, com proposições no âmbito do ensino.

Ao longo do trabalho, são apresentadas linhas cartográficas que se conectam, por vezes de modo sutil, outras vezes, enroscando-se com mais força, para depois seguirem outras direções. Nesse emaranhado de linhas, proliferam-se, pelo texto, experimentações ocorridas ao habitar o quintal de sua casa, que contribuem para pensar práticas pedagógicas que rasgam o modo representativo de um ensino como cópia para acionar a criação enquanto diferença. Pela “perspectiva do habitar” de Tim Ingold⁴ (2015, p. 26), é possível, então, ver “uma maneira de [...] reinserir o ser humano e o devir no interior da continuidade do mundo da vida”, aproveitando seus fluxos intensos e imprevisíveis para a criação, tanto na arte quanto na docência.

Para esta escrita, recorta-se da tese a compreensão do quintal como espaço de ateliê, criando linhas de conexões não só entre as práticas artísticas e docentes, mas, sobretudo, entre arte e vida, explorando os acontecimentos deste espaço/lugar, percebendo seus imprevistos para buscar possíveis desdobramentos para um ensino com o desenho, e não apenas sobre o desenho. Nesse sentido, o ensino com o desenho é compreendido como diferença, enquanto o ensino sobre o desenho baseia-se em uma mera recognição e representação de mundo. Ou seja, não é sobre o que o desenho é ou sobre como deve ser o seu ensino, mas sobre o que o desenho pode, nos entrecruzamentos com a ação artística, contribuir com a docência como criação.

Torna-se relevante ressaltar que o ‘quintal de casa’ apresenta-se tanto no sentido conceitual quanto no literal. No primeiro caso, ele se refere ao ambiente do exercício da docência (independentemente de ser em espaço formal ou não formal de ensino, presencial ou virtual) e relaciona-se a seus territórios existenciais. Conceitualmente, na cartografia,

A construção de um território existencial não nos coloca de modo hierárquico diante de um objeto, como um obstáculo a ser enfrentado (conhecer = dominar, objeto = o que objeta, o que obstaculiza). Não se trata, portanto, de uma pesquisa sobre algo, mas uma pesquisa com alguém ou algo. Cartografar é sempre compor com o território existencial, engajando-se nele. Mas sabemos

3 Tese intitulada Entre o desenho e a Terra: linhas em devir, defendida por Taliane Graff Tomita em setembro de 2025, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/ UDESC), junto à linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Elaine Schmidlin.

4 Timothy Ingold, mais conhecido como Tim Ingold, é um antropólogo britânico, autor do livro Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição, do qual retiro o conceito de ‘habitar’ que atravessa esta pesquisa.

que o processo de composição de um território existencial requer um cultivo ou um processo construtivo. Tal processo coloca o cartógrafo numa posição de aprendiz, de um aprendiz-cartógrafo. Nesse processo de habitação de um território, o aprendiz- cartógrafo se lança numa dedicação aberta e atenta (Alvarez⁵; Passos⁶, 2015, p. 135-136).

Já no segundo caso, o quintal, literalmente, é o espaço físico, tendo em vista que ele foi refúgio, abrigo e lugar de respiro durante a pandemia de Covid-19 e continua sendo, inclusive, utilizado para dar aulas *on-line*, como se fosse uma espécie de sala ao ar livre. Desse modo, os próprios limites dessas definições apagam-se perdendo as marcas de sua separação. Sendo assim, o quintal aparece como lugar de encontro e criação no ensino e como lugar geográfico de deslocamento, pausa e experimentações poéticas, já que nele – e a partir dele – surgiram diversos ensaios visuais, dos quais um se apresenta reconfigurado na constituição deste texto.

Nesse quintal/ateliê, abandonam-se convicções e certezas, fazendo-se disponível aos estímulos e às intensidades presentes nos encontros que ocorrem e que se abrem às experimentações artísticas, por meios de derivas, uma vez que “experimentar é exercício consigo no ato de pensar, e envolve aquele que pensa com o que é pensado” (Godoy, 2008, p. 28). Com a intenção de tornar o caminhar menos linear e deixando espaço ao que poderia – em outro viés – ser considerado como erro, permite-se a presença daquilo que surge pelo acaso, sem planejamentos fechados e roteiros fixos. Assim, as derivas participam dessas composições “como liberações para percursos porvir” (Godoy, 2008, p. 24), autorizando uma jornada rígida de descontrole sobre o que pode vir a surgir.

Ainda, segundo Godoy⁷, a deriva

[...] é um estado de variação contínua do movimento, pois ela não se mostra nas variáveis de uma rota, mas na variação incessante de direções. A deriva afirma-se como possibilidade de invenção de novos percursos, e exprime-se por um movimento no qual as funções, as referências, as distribuições fixas e todo o aparato necessário para a organização de rotas dão lugar a uma distribuição nômade, na qual as referências são móveis (Godoy, 2008, p. 25).

Portanto, ela, a deriva, é aquilo que foge e não pode ser contido em um sistema que a comunique de modo universal e homogêneo. Por essa perspectiva, percebe-se o quintal/ateliê como lugar constituído por movimentos que não se deixam aprisionar por nenhuma predeterminação ou rota permanente, afirmado-se em meio a incessantes variações de direções que abalam estruturas rígidas de pensamento, em

5 Johnny Menezes Alvarez possui mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com experiência na área dos processos psicológicos e suas variações culturais.

6 Eduardo Passos é doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atuando principalmente nos seguintes temas: políticas públicas de saúde, método da cartografia, metodologias participativas, cognição e subjetividade.

7 Ana Godoy é doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Realizou seus estudos de pós-doutorado na Faculdade de Educação da Unicamp, vinculados à linha de pesquisa Filosofia da Diferença. O conjunto de suas publicações até o presente versa sobre as conexões entre ecologia, meio ambiente, subjetividade, arte, política e escrita.

que planos de ação e a ideia de que se precisa de um curso estabelecido *à priori*, para chegar a algum lugar esperado ou para a obtenção de resultados específicos, torna-se inviável.

Ademais, as experimentações são uma mescla de realidade e ficção decorrentes de esforços de captura e invenção, que apresentam em si as variações das linhas do desenho, permitindo intensidades, velocidades e espessuras díspares. Por meio das diversas nuances que essas linhas possibilitam buscam-se possíveis articulações, agenciamentos gerados por movimentos contínuos, desvios e (des)construções que as práticas artística e docente podem conduzir ou mesmo reivindicar. Para tanto, experimenta-se cartografando derivas no quintal de casa, pois, como já dizia um grande poeta, “o meu quintal é maior do que o mundo⁸”, sendo ele composto por forças de distintos territórios, percorridos pelo caminhar da professora, mãe, desenhista, bióloga...

Encontros

Ao se perceber a necessidade de passos mais atentos às sensações, surge o desejo de acompanhar as borboletas e seus voos no quintal de casa, de deixá-las brincar e carregar consigo qualquer necessidade de se prender a modelos, e assim, distrair-se e desviar o olhar, possibilitando a abertura de espaços para a criação, que ajudem a ser mais flexível no pensar e no fazer, tanto referente às experimentações poéticas quanto à prática docente. Voltar-se para os voos das borboletas e mariposas, permitindo-se estar com elas, é uma forma de aceitá-las e acolhê-las diante da multiplicidade dos acontecimentos cotidianos. Isso traz um grande desafio: perder-se sem culpa, experimentando desvios, falhas, dúvidas, diferentes atenções e deslocamentos. Não querendo saber nem supor antecipadamente o que será encontrado pela frente. Deixando-se afetar pelos fluxos da vida que se mostrarem durante as andanças, seguindo-os, mas também sendo capaz de abandoná-los quando sentir que for necessário.

Como numa relação com o mato, com seus “brotamentos imprevisíveis”, sabendo que a qualquer momento se pode “cultivar [...], adubar, moldar, podar, trans-formar. [...] arrancar [...] daquele lugar, ou ignorar suas emergências” (Fernandes, 2016, p. 119-120)⁹. É preciso lembrar que somos também Terra, somos também natureza. Voltar, então, a devir. Pois, como coloca Deleuze¹⁰,

8 Título de uma antologia poética de Manoel de Barros publicada durante um período de setenta anos.

9 Priscila Correia Fernandes é doutora em Biologia Funcional e Molecular. Suas pesquisas dialogam com abordagens sociológicas e filosóficas da ciência, valorizando as interações entre conhecimento científico, cultura e educação.

10 Gilles Deleuze (1925-1995) foi professor e um influente filósofo francês do século XX, conhecido por diversas obras, dentre as quais: *Diferença e repetição*; *Lógica do sentido*; *O que é a filosofia?*

Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal qual não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos [...]. O devir está sempre 'entre' ou 'no meio' [...] (Deleuze, 2011, p.11-12).

Tornar-se, ao mesmo tempo, um e outro sem constrangimentos por deixar de ajustar-se a um modelo – a uma linha de contorno que defina o desenho ou seus modos de ensino –, nem por escorregar nas bordas do corriqueiro dever de se 'fazer como' enquanto procura-se pela própria potência e por maneiras de compor com as forças circundantes, interagindo e afetando-se.

Como afirma Zordan¹¹,

Pensar Terra, Géia, Gaia, é viver a intensidade de todas as suas matérias e do espaço que a circunda. Geoplástica, as cores, texturas, ritmos, pulsos e formas da Terra se compõem num corpo de muitas forças, onde trilhões de corpos se encontram, reproduzem-se e se desviam (Zordan, 2019, p. 13).

Assim, ao pensar os encontros entre as experimentações artísticas e as práticas pedagógicas relacionadas ao ensino do desenho, entende-se que o lugar do 'entre' "não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas [...] um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio" (Deleuze; Guattari¹², 2011, p. 49).

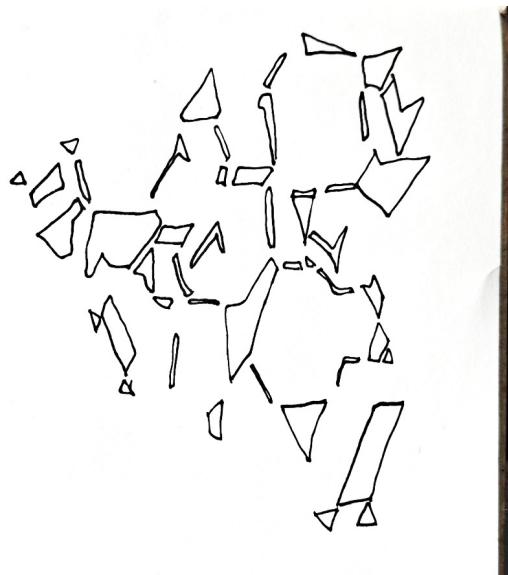


Fig.1. Taliane Tomita, Espaço entre, 2025. Fonte: Arquivo pessoal. Desenho: nanquim sobre papel.
Dimensões: 9 x 10 cm.

11 Paola Zordan é artista visual, performer, escritora e professora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desenvolve temas entre historiografia da arte, poéticas visuais, esquizoanálise e vida magisterial.

12 Félix Guattari (1930-1992) foi um filósofo, psicanalista e ativista francês que cocriou a esquizoanálise com Gilles Deleuze. Também é conhecido pelas produções em colaboração com Deleuze, com quem escreveu livros como *Anti-Édipo* e *Mil Platôs*.

Durante os encontros, é necessário permitir-se ao deslumbramento com pequenos acontecimentos, deixando algumas ideias crescerem pela rachadura que abre uma fenda para o verde nascer no meio do cinza impermeável, tornando-se resistência. Por sua vez, dar respiros ao próprio pensamento numa busca por conexões que tragam sentido às práticas artísticas e docentes, num caminhar aberto às sensações. Desse modo, nascem os desenhos dos vestígios dos voos das borboletas no quintal de casa, com o corpo conectando-se com o entorno, o Sol brincando com as asas translúcidas, e as nuvens dançando para o vento.



Fig. 2. Taliane Tomita, Série: Vestígios de um quintal, 2020-2024. Fonte: Arquivo pessoal. Técnica mista: grafite, nanquim e aquarela sobre papel, com interferências de manipulação digital. Dimensões: 20 x 30,5 cm.

Que lugar é este que se enche de movimentos e intensidades invisíveis? O quintal. Lugar de respiro. Puxar o ar intensamente e sentir o peso do dia dissolver-se com o vento. Pura sensação. Vento que leva também o pólen e faz crescer aquela espécie logo ali, mais para a esquerda. Além dele, outros tantos são responsáveis por essa dispersão que prolifera mais do que plantas, ideias. "Hoje eu desenho o cheiro das árvores" (Barros, 2013, p. 277).

Então, decidido seguir os movimentos das borboletas com a caneta. Mas, mesmo que se queira tornar visível apenas os rastros dos seus voos, não se pode deixar de atentar para a multiplicidade que atua num determinado tempo-espacô. Se esse tempo e espaço é a sala de aula, ou o ateliê, ou qualquer outro lugar que possa vir a possibilitar

um encontro com o desenho, tanto faz. O que importa é que, como tudo na vida, os acontecimentos e os movimentos se dão simultaneamente. Deixa-se de lado a intenção inicial de registrar com o olhar e a caneta apenas os voos das borboletas, pois eles não se dão sozinhos. Há muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.



Fig. 3. Taliane Tomita, Série: Vestígios de um quintal, 2020-2024. Fonte: Arquivo pessoal. Técnica mista: grafite, nanquim e aquarela sobre papel, com interferências de manipulação digital.

Dimensões: 20 x 30,5 cm.

Que camadas são essas que afetam um percurso, um olhar, um registro, um movimento de invenção? Que alteram a nitidez da paisagem? Vento que arrasta o pólen e carrega as folhas secas numa queda suave até o chão. Danças conduzidas em diferentes coreografias. O calor do Sol ou o frescor da chuva. Nuvem que acalma e resfria. Cada elemento agindo nesta paisagem chamada ensino do desenho, onde habita a professora cartógrafa, acompanhando diferentes percursos, interesses, velocidades e comprometimentos. Tudo ali, naquele encontro, nunca mais se repetirá, porque a própria repetição já é diferença. Cada ideia se manifesta sempre outra, sendo afetada pelas multiplicidades que habitam aquele território, pelas atualizações que se dão e que, consequentemente, transformam.



Fig. 4. Taliane Tomita, Série: Vestígios de um quintal, 2020-2024. Fonte: Arquivo pessoal. Técnica mista: grafite, nanquim e aquarela sobre papel, com interferências de manipulação digital.

Dimensões: 20 x 30,5 cm.

Camadas de tempo, de atenção, de vivências, de experimentações, de incertezas... Sol, nuvens, vento, chuva e luz. Diferentes habitantes e suas relações: borboletas e mariposas, libélulas, mosquitos, folhas verdes, folhas secas, penugens, pássaros... estudantes. Quantos atravessamentos! Marca, risco, espessura, comprimento, direção, velocidade, territórios sem dono. Matos que crescem como rizoma, que desestabilizam a ordem e a hierarquia. Desenho. Corte transversal que expõe uma trama complexa. Bloco de sensações. Composição instável, móvel, mutável.



Fig. 5. Taliane Tomita, Série: Vestígios de um quintal, 2020-2024. Fonte: Arquivo pessoal. Técnica mista: grafite, nanquim e aquarela sobre papel, com interferências de manipulação digital.

Dimensões: 20 x 30,5 cm.

A mão tenta acompanhar o olhar, que persegue os rastros invisíveis deixados, naquele momento, por aquilo que capta a atenção. De tudo que se passa, há algo que fica marcado no papel, com tinta, na tentativa de acompanhar as formas que já não aparecem. Pois, ao passarem, se misturam à paisagem, já não sendo mais identificáveis. Apenas um vestígio deixado pela força da sensação. Índice do movimento da vida em toda sua beleza e potência.



Fig. 6. Taliane Tomita, Série: Vestígios de um quintal, 2020-2024. Fonte: Arquivo pessoal. Técnica mista: grafite, nanquim e colagem sobre papel, com interferências de manipulação digital.
Dimensões: 20 x 30,5 cm.

Nas tensões de uma composição, a figuração ainda pode ser imposta como presença necessária no fazer? Desejo de reconhecimento, identificação? Contudo, “não cabe à semelhança ser a soberania que faz surgir” (Foucault¹³, 2016, p. 61). Linha e mancha. Corpo e rastro. Quiçá simulacro. Traço livre, mas que também se enrosca no olhar. Visão e gesto numa dança delirante de recortes de tempo. Pedaços de vida passageira no caminhar da desaparição.

13 Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo, historiador e crítico social francês conhecido dentre outras questões por suas análises sobre a relação entre poder e conhecimento, a formação de discursos e a forma como as instituições sociais controlam e subjetivam as pessoas.



Fig. 7. Taliane Tomita, Série: Vestígios de um quintal, 2020-2024. Fonte: Arquivo pessoal. Técnica mista: grafite e nanquim sobre papel, com interferências de manipulação digital. Dimensões: 20 x 30,5 cm.

Mesmo que a primeira intenção tenha surgido do desejo de imitação e do registro dos percursos de visitantes do quintal, ela é inútil, pois cada risco cria para si uma nova existência. O traço tenta repetir o olhar que persegue os habitantes do quintal, mas o olhar e o gesto têm velocidades desiguais, e a linha não se contenta com a bidimensionalidade do papel. Desloca-se para além de suas fronteiras acompanhando as diferentes coreografias e seus mais variados ritmos. Valorizando, sobretudo, a sensação deixada no corpo durante o encontro.

Nesse habitar do quintal/ateliê, num processo de pertencimento e perseguição, não há como esquecer que:

Habitamos o nosso meio ambiente: somos parte dele; e através desta prática de habitação ele também se torna parte de nós. Esse mundo habitado [...] inclui a terra debaixo dos nossos pés, o céu arqueando acima das nossas cabeças, o ar que respiramos, para não mencionar a profusão de vegetação, alimentada de energia pela luz do sol, e todos os animais que dependem dela, ocupadamente absorvidos em suas próprias vidas como estamos na nossa (Ingold, 2015, p. 153).

Os rastros reinventados nos encontros trazem um olhar de curiosidade, de tentativa de conexão, de presença, que busca inicialmente a identificação dos habitantes do quintal avistados, mas que se transforma em diferença e em relações entre multiplicidades. A linha surge da ilusão de perseguição do voo pelo riscador que marca a superfície da folha. Parte-se de um modelo, porém fugidio. Uma ilusória tentativa de sequestrar e transpor intensidades, velocidades e ritmos diversos, pois o gesto se faz potência de criação.

Aos poucos, a vontade de registro e identificação se dissolve na sensação do encontro, dando espaço à invenção e uma conexão de fluxos que não podem ser meramente representados e fechados pela semelhança. Considerando que "a semelhança comporta uma única asserção, sempre a mesma: isto, aquilo, aquilo ainda, é tal coisa" e a "similitude multiplica as afirmações diferentes, que dançam juntas, apoiando-se e caindo umas em cima das outras" (Foucault, 2016, p. 61), pensa-se na possibilidade de que, mesmo com a figuração de fragmentos, o desenho ainda seja capaz de habitar um lugar de similitude, de proliferação de traços que se conectam com habitantes temporários de um quintal, e que constroem juntos uma nova rede de sentidos.

No processo, não houve priorização ou hierarquização entre os movimentos observados. Na duração do encontro, pétalas se tornam indícios de possíveis asas. Seria, talvez, a semelhança da representação que diz 'o que é' abrindo espaço à similitude que, "em lugar de misturar as identidades", chega a ter o "poder de quebrá-las?" (Foucault, 2016, p. 66). Uma prática – que se inicia interligada ao registro de percursos de determinados habitantes – expande-se para dar lugar ao acontecimento do encontro, suas forças e intensidades. E, desse modo, é atravessada por questões que perpassam o próprio desenhar e a prática pedagógica. Tantas relações criadas pelo pensamento que nasce do desenho.

Diante da impossibilidade de encontrar uma linha capaz de defini-lo de maneira "únivoca e estável", posto que ele "é um objeto fugidio às tentativas de apreendê-lo" (Rayck, 2017, p. 42)¹⁴, recorre-se temporariamente a uma versão apresentada nas conversas entre Fernando Chuí¹⁵ e Márcia Tiburi¹⁶, em *Diálogo/Desenho* (2010), na qual o desenho pode ser entendido como "um impulso – uma vontade e um desejo. [...] Um plano de voo que voa" (Chuí, 2010, p. 39) e, desse modo, "obriga-nos a pensar. Mas, antes disso, nos faz prestar atenção e olhar com força. Daí começa o movimento do pensar, pelo motor do desenho" (Tiburi, 2010, p. 54).

A pretensão do trabalho não é, portanto, encontrar respostas nem conclusões finais e absolutas, mas permitir que as experimentações poéticas amparem a ideia de pensar o ensino com o desenho, em consonância com a crença de que "o

14 Diego Rayck é artista e professor. Doutor em Arte Contemporânea pela Universidade de Coimbra (2015), investiga desenho em seus desdobramentos conceituais e espaciais a partir do meio gráfico.

15 Fernando Chuí é professor, poeta, músico e desenhista. Formado em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado e mestre em Artes Visuais pela Unesp.

16 Márcia Tiburi, professora, é formada em Artes Plásticas, com ênfase em Desenho pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada, mestre e doutora em Filosofia pela mesma instituição. Tem pós-doutorado em Artes pelo Instituto de Artes da UNICAMP.

experimentador realiza uma experimentação sobre si mesmo". Em razão disso, "a ele cabe inventar o modo de o fazer no limite do que torna o pensamento potente para se mover" (Godoy, 2008, p. 27).

Por fim, é preciso abrir-se aos movimentos de uma aventura no terreno movediço e indeterminado da produção poética, não menos incerto que o da prática docente. Para tanto, com este texto, pretendeu-se afirmar a vida em uma "escrita-artista" que "luta pelo tempo porvir, em que sejam revigorados os modos de expressão da educação" (Corazza, 2006, p. 25)¹⁷. Isso permite traçar linhas de construção inventivas relacionadas aos processos de criação, tanto na arte quanto na docência, envolvidos no habitar do quintal/ateliê, bem como de seus distintos territórios existenciais.

Referências

- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.
- BARROS, Manoel de. Retrato do artista quando coisa. In: BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**: Manoel de Barros, antologia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens**: filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: **Crítica e clínica**. 2. ed. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 11-17.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil **platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1. 2. ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FERNANDES, Priscila Correia. Movimento de cultivar mato ou o inventar uma pesquisa em educação. In: SCARELI, Giovana; FERNANDES, Priscila Correia (orgs.). **O que te move a pesquisar? Ensaios e experimentações com cinema, educação e cartografias**. Porto Alegre: Sulinas, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. 7. ed. Trad. Jorge Coli. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

¹⁷ Sandra Corazza também é professora, licenciada em Filosofia, mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalha com a filosofia da diferença.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Trad. Fábio Credé. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. (col. Antropologia.)

RAYCK, Diego. O desenho desenha a si Convulsão, potência e continuum no processo artístico. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 9, n. 17, p. 40-60, 2017. DOI: 10.5965/2175234609172017040. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/9310>. Acesso em: 25 fev. 2025.

TIBURI, Márcia; CHUÍ, Fernando. **Diálogo/desenho**: Márcia Tiburi e Fernando Chuí. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

TOMITA, Taliane Graff. **Entre o desenho e a Terra**: linhas em devir. Tese (Doutorado em Artes Visuais no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina – PPGAV) – UDESC, Florianópolis, 2025.

ZORDAN, Paola. **Gaia Educação**: Arte e filosofia da diferença. Curitiba: Appris, 2019.

Submissão: 19/10/2025

Aprovação: 03/12/2025